

AS COMEMORAÇÕES DO PRIMEIRO DE MAIO NO RIO DE JANEIRO (1890-1930) *

Luciana Barbosa Arêas**

Resumo: Este artigo analisa as comemorações do Dia do Trabalho no Rio de Janeiro, entre 1890 e 1930, e as interpretações desta data elaboradas pelos operários e por outros grupos sociais. Procuramos demonstrar que o Primeiro de Maio constituiu um dos momentos de expressão da consciência de classe do operariado.

Abstract: This article analyses the commemorations of May Day in Rio de Janeiro, between the years of 1890 and 1930, and the interpretations of this date elaborate by the workers and other social groups. We try to prove that May Day constituted one of the moments of expression of the workers' class consciousness.

Palavras-chave: Rio de Janeiro – Primeiro de Maio – Cultura operária – Consciência de classe.

Keywords: Rio de Janeiro – May Day – Working class culture – Class consciousness.

O surgimento do Primeiro de Maio está relacionado a acontecimentos ocorridos nos Estados Unidos no ano de 1886. No dia 1º de maio desse ano, uma grande mobilização em prol da adoção da jornada de oito horas de trabalho atravessou o país. Em Chicago, cidade com um forte movimento operário, o dia transcorreu sem qualquer incidente. Contudo, a situação

* Este artigo constitui uma síntese da minha dissertação de mestrado, *A redenção dos operários: o Primeiro de Maio no Rio de Janeiro durante a República Velha*, defendida em março de 1996 na Unicamp.

** Doutoranda em história social pela Unicamp e bolsista da Fapesp.

complicou-se em 3 de maio com a intensificação das greves. À tarde, um incidente em frente à usina McCormick resultou em um confronto entre grevistas e policiais, no qual dois trabalhadores morreram e vários ativistas foram presos. Para protestar contra essas mortes, os anarquistas marcaram um *meeting*¹ para a noite do dia 4 na praça Haymarket (Perrier, 1994: 332-334; Del Roio, 1986: 58-60 e Avrich, 1986: 186-189).

Cerca de três mil pessoas compareceram ao *meeting*, inclusive muitas mulheres e crianças. Quando a chuva e o frio já haviam reduzido os assistentes a menos de 200, surgiu um destacamento policial com 140 homens. De repente, uma bomba de origem indeterminada explodiu no meio dos policiais. A reação foi imediata e violenta. Os agentes abriram fogo contra a multidão, que tentou fugir desesperadamente. Ao término do conflito, 60 policiais encontravam-se feridos, dos quais seis não conseguiram sobreviver. O número exato de vítimas entre os manifestantes é desconhecido até hoje, mas Paul Avrich (1986: 208-210) estima que seja de sete a oito pessoas, sendo que outras 30 provavelmente ficaram feridas.

Os acontecimentos de Haymarket desencadearam uma onda de repressão inédita em Chicago. Oito dirigentes sindicais foram acusados do assassinato dos policiais; no final do processo, cinco deles foram condenados à morte e os outros três à prisão. Os condenados foram enforcados no dia 11 de novembro de 1887 e uma multidão acompanhou o cortejo fúnebre. Esse dia passou a ser conhecido como o ponto final da tragédia dos “mártires de Chicago” (Perrier, 1994: 334-339 e Del Roio, 1986: 60-63).

O Primeiro de Maio só entraria definitivamente na história do proletariado internacional em julho de 1889, durante a realização de um congresso socialista em Paris. Na verdade, ocorreram dois congressos socialistas ao mesmo tempo naquela cidade. No congresso organizado pela Federação Nacional de Sindicatos, considerado de tendência marxista, nasceu oficialmente o Primeiro de Maio. No último dia de debates foi aprovada, por aclamação, uma proposta que previa um protesto internacional em favor da jornada máxima de oito horas.

¹ *Meeting* era o nome dado na época ao comício.

“Será organizada uma grande manifestação internacional com data fixa de maneira que, em todos os países e cidades ao mesmo tempo, os trabalhadores intimem os poderes públicos a reduzir legalmente a oito horas a jornada de trabalho e a aplicar as outras resoluções do Congresso Internacional de Paris.

Considerando que uma manifestação semelhante já foi decidida pela American Federation of Labor para o 1º de maio de 1890, em seu congresso de dezembro de 1888 em Saint Louis, esta data é adotada para a manifestação internacional.

Os trabalhadores das diversas nações deverão realizar manifestações nas condições que serão impostas pela situação específica de seu país”. (*apud* Dommanget, 1956: 104)

A resolução determinava a realização do protesto apenas naquele ano. Contudo, a repercussão da defesa da jornada de oito horas foi tão boa entre o operariado de diversos países que, no segundo congresso da Internacional Operária Socialista, realizado em 1891, foi aprovada a resolução que tornava permanente a comemoração do Primeiro de Maio.

Mas por que os americanos escolheram justamente o dia 1º de maio para a manifestação pelas oito horas de trabalho? Segundo Hubert Perrier (1994: 320), simbolicamente a escolha reuniu a ação projetada a uma etapa anterior da luta, já que uma grande manifestação com o mesmo tema ocorreu em Chicago, no dia 1º de maio de 1867. Por outro lado, de acordo com uma tradição anglo-saxônica, o 1º de maio era o “Moving Day”, dia de renovação dos contratos de alugueis e de trabalho. Na Europa, o Primeiro de Maio foi ao encontro dos ritos aldeões de celebração da primavera. Na França, era o momento do renascimento da vegetação e de mudanças na casa (Perrot, 1988: 135). Em Portugal, além das tradições camponesas ligadas à fertilidade, maio também concentrava a renovação de contratos e o pagamento das rendas (Fonseca, 1990: 46). Perrier, Perrot e Fonseca demonstram que, junto com o revigoramento da natureza, representado pela chegada da primavera, maio significava o florescimento das esperanças em um mundo mais justo, mais igualitário e mais livre.

Essas ligações da data do Primeiro de Maio com elementos mais antigos das culturas de diversos países certamente contribuíram para a

aceitação e a consolidação da jornada entre os operários. A referência ao passado tornou a nova tradição mais familiar aos olhos da classe. Essa referência, aliás, é uma das principais características das “tradições inventadas”, conceito que podemos aplicar ao Primeiro de Maio².

No Brasil, essa data foi adquirindo uma relevância cada vez maior, no decorrer da República Velha. Pode-se mesmo afirmar que ela se tornou a data mais importante do movimento operário. Nosso objetivo, neste artigo, é analisar as comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro durante a República Velha. Também abordaremos as várias interpretações dessa data, elaboradas pelos operários e por outros grupos sociais.

As comemorações

Em 1890, ano estipulado para a primeira manifestação do Primeiro de Maio em todos os países, não houve registro de qualquer evento realizado pelo movimento operário sobre esse tema no Rio de Janeiro. Essa ausência não pode ser justificada pelo desconhecimento da decisão do Congresso de Paris, pois um editorial do jornal diário *O Paiz* informava sobre o protesto³.

As comemorações do Primeiro de Maio iniciam-se em 1891, permanecendo, contudo, pouco constantes durante toda a década. Para dar uma idéia, não há registros de comemorações nos anos de 1894, 1895 e 1896, e em alguns anos, como em 1893, as comemorações resumem-se a uma discreta sessão solene. A entrada no século XX marca a consolidação da data, acompanhando o processo de desenvolvimento da classe operária. Entre 1901 e 1929, não há um ano sequer em que a cidade do Rio de Janeiro não tenha assistido às comemorações do Primeiro de Maio.

² Esse conceito refere-se a um conjunto de práticas, de origem ritual ou simbólica, que objetiva inculcar certos valores e normas de comportamento pela repetição. No caso do Brasil, o 1º de Maio também pode ser considerado uma “tradição inventada”. Para maiores detalhes, ver Hobsbawm e Ranger (1984: 12).

³ *O Paiz*, 01/05/1890.

Vários eventos eram programados pelas diversas associações e federações de trabalhadores, e mesmo por grupos de operários de uma determinada fábrica: salva de tiros na aurora, saudando o grande dia; ida de comissões de operários aos cemitérios para prestar homenagem aos companheiros mortos (prática bastante comum até 1907); celebrações de missas; passeios até algum ponto do subúrbio ou até outra cidade, como Niterói; festivais comemorativos, dos quais constavam geralmente uma conferência, peças teatrais e um baile “familiar”, harmonizando, desta forma, a propaganda da doutrina e a simples diversão. Geralmente à noite eram realizadas sessões solenes nas sedes das associações operárias. Um exemplo de comemoração bastante completa pode ser encontrado na programação do Congresso Central União dos Operários do Brasil:

“O Congresso Central União dos Operários do Brasil aprovou o seguinte programa para as festas comemorativas do 1º de maio:

6 horas da manhã – Inauguração do pavilhão com uma salva de 24 tiros.

8 horas da manhã – Os sócios e demais operários, incorporados, irão depositar no sarcófago de França e Silva uma grinalda, como prova de afeto e consideração à memória do saudoso companheiro.

2 horas da tarde – Assembléia geral para aprovação de uma mensagem dirigida ao Congresso Nacional.

7 horas da noite – Sessão solene comemorativa do 1º de maio, com a seguinte ordem do dia:

1ª parte – Posse da diretoria eleita.

2ª parte – Inauguração do retrato de França e Silva.

3ª parte – Comemoração a 1º de maio”⁴.

Outra forma de comemoração realizada com frequência era o préstito ou passeata. A massa compacta de operários percorria as principais ruas da cidade, parando para saudar a imprensa e as associações irmãs. Algumas vezes, a passeata podia ser interrompida para a realização, geralmente nas

⁴ *Correio da Manhã*, 29/04/1902.

principais praças, de pequenos comícios. Em geral à frente do préstito, vinha a comissão encarregada da organização, seguida de forma ordenada pelas representações das associações operárias. Muitas vezes eram utilizados carros decorados com símbolos operários e retratos de operários mortos. Hinos operários eram entoados e estandartes das associações, empunhados com orgulho. Cartazes de protesto, sempre relacionados com a conjuntura do momento, completavam a manifestação.

A partir de 1903, as comemorações do Primeiro de Maio ganharam um novo elemento, os comícios. De início tímidos e pouco frequentados, eles conseguiram reunir um número cada vez maior de participantes a cada ano e transformaram-se, desse modo, na mais importante manifestação do Primeiro de Maio. Em geral promovidos pelas federações operárias, os comícios ofereciam a oportunidade de uma manifestação que reunisse as várias associações, como acontecia também nas passeatas. Ao mesmo tempo, possibilitavam que um grande número de pessoas – na maioria das vezes na casa dos milhares – participasse das manifestações e, principalmente, ouvisse os discursos dos oradores. Esse raio de alcance mais amplo não poderia ser conseguido nas sessões solenes das associações, pois havia o limite físico das salas.

A cada ano, os militantes operários esforçavam-se ao máximo para conseguir reunir nas manifestações um número significativo de pessoas. Contudo, na busca desse objetivo enfrentavam uma série de obstáculos, dentre os quais a própria indiferença dos operários. Muitos preferiam ficar em casa, aproveitando a folga conseguida com a paralisação do trabalho. Se, por outro lado, pretendessem sair e se divertir, opções não lhes faltariam. Vários empresários do ramo do entretenimento promoviam sessões especiais de cinema e espetáculos teatrais. A partir de 1909, o Jardim Zoológico passou a reduzir pela metade o preço de seu ingresso, prática que continua até hoje. Em 1923, os operários e suas famílias puderam entrar de graça na Exposição do Centenário⁵.

Além disso, muitos patrões realizavam festas comemorativas do “dia do trabalho” nas próprias fábricas e oficinas. Pretendiam, dessa forma,

⁵ *O Paiz*, 25/04/1923.

suavizar o caráter de protesto da jornada e anular as tentativas de paralisação do trabalho por parte dos operários, já que o dia seria considerado como folga ou feriado. Ademais, tais eventos reforçavam a idéia de que patrões e empregados formavam uma mesma família. Um exemplo dessas festas foi a promovida pela Companhia América Fabril em 1928. Da programação constavam jogos de futebol entre times de diferentes fábricas, torneio de tênis, jogos de ginástica infantil pelas alunas das escolas da Companhia e, à noite, uma *soirée* dançante na sede da Associação⁶.

O Primeiro de Maio foi também comemorado por associações políticas, como o Grêmio Republicano Português (1919) e a Loja Maçônica “Amor ao Trabalho”, em diversos anos desde a primeira década do século. Porém, o caso mais curioso de comemoração fora do meio operário é o da Confederação Espírita do Brasil. Desde 1876, ela vinha celebrando a data da “glorificação do trabalho”, a princípio no dia 1º de janeiro e, a partir de 1890, no dia 1º de maio. Isto lhe dá a primazia das comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro, à frente até do próprio movimento operário. Contudo, a interpretação dada à festa pela Confederação divergia em muitos pontos do que o operariado considerava acerca do Primeiro de Maio. Para essa instituição, a data da glorificação do trabalho e do protesto de reivindicação pacífica, deveria ser comemorada “como inicial da confraternização que se há de dar, evolutivamente, entre a classe produtora e a classe impulsora do trabalho capitalizado, até que desapareça a ficção monetária – o dinheiro”⁷. Provavelmente a Confederação mudou a data de sua festa para 1º de maio a fim de que esta tivesse maior repercussão e fosse associada às manifestações operárias.

A primeira década do século XX marca a consolidação do Primeiro de Maio como a data máxima do operariado carioca. A participação das diversas categorias de trabalhadores nas comemorações aumenta a cada ano e a repercussão da data cresce até mesmo entre as outras classes sociais. Ao mesmo tempo em que o Primeiro de Maio foi adquirindo um significado

⁶ *Correio da Manhã*, 01/05/1928.

⁷ *Idem*, 01/05/1914.

cada vez maior para o operariado, pode-se perceber alguns esforços das classes dominantes em criar sua própria “festa do trabalho”, contando para isso, muitas vezes, com o apoio do Estado.

Na década de 1910, o governo do Marechal Hermes da Fonseca empreendeu uma intensa campanha de apropriação do Primeiro de Maio. Essa campanha, a nosso ver, pode ser considerada como um dos pontos do trabalho de aproximação do governo em relação aos operários. Fonseca foi o primeiro candidato à República a tratar da questão operária em sua plataforma. Além disso, seu governo era apoiado por um grupo de republicanos radicais que defendia um maior contato com os operários como forma de “legitimar” o governo, mediante a sustentação das massas populares. Sua política repercutiu bastante no meio operário, encontrando apoio em vários sindicatos e associações, principalmente os controlados pelos “amarelos”⁸.

A campanha de apropriação possuía dois eixos principais. O primeiro, era a tentativa de monopolização das comemorações do Primeiro de Maio nas mãos do governo. Em todos os anos do período em que Hermes da Fonseca esteve no poder – ou seja, entre 1911 e 1914 – ocorreram atos oficiais em homenagem à data. O outro eixo da campanha era a transformação progressiva do Primeiro de Maio em feriado oficial. Alguns passos desse processo podem ser percebidos com clareza. Em 1902, o deputado Sampaio Ferraz apresentou na Câmara um projeto de lei tornando a data uma das “festas nacionais”⁹. Quatro anos depois, é decretado feriado na cidade de Niterói¹⁰. A partir de

⁸ “Amarelos” era a denominação dada na época ao *reformismo operário*, o qual pode ser entendido como um conjunto de correntes ideológicas que sustentam práticas sindicais semelhantes, dentre as quais, por exemplo, a busca de consolidação das conquistas trabalhistas por meio de leis, a eleição de candidatos operários, a procura de apoio de políticos e autoridades nas campanhas por melhorias e a defesa de sindicatos ricos e fortes (cf. Batalha, 1990: 120). Para maiores detalhes ver Batalha (1986).

⁹ O projeto foi apresentado no dia 30 de abril. Na sessão de 7 de maio ele foi enviado à Comissão de Constituição, Legislação e Justiça para que fosse dado um parecer. Contudo, nenhum parecer foi efetuado e o projeto nem chegou a ser votado. *Correio da Manhã*, 30/04/1902 e *Anais da Câmara dos Deputados*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1902, vols. 3 e 4.

¹⁰ *Correio da Manhã*, 28/04/1906.

1912, o dia passa a ser considerado ponto facultativo nas repartições públicas, a princípio apenas nas municipais e, posteriormente, também nas federais. Finalmente, em 26 de setembro de 1924, o presidente Artur Bernardes decreta que o Primeiro de Maio passaria a ser considerado feriado nacional (Del Roio, 1986: 141). O objetivo desse processo era bem claro. A paralisação do trabalho por parte do operariado era uma das formas de protesto levadas a efeito durante a jornada do Primeiro de Maio. Transformando-se o dia em feriado, ou simplesmente concedendo-se o ponto facultativo, conseguia-se retirar dos operários a iniciativa da paralisação. O operário não mais se ausentaria do trabalho porque estava enfrentando seu patrão e mostrando-se solidário para com seus companheiros, mas porque o governo havia concedido a folga. E o governo não se furtaria a alardear aos quatro cantos que tomara aquela decisão para “homenagear todos os trabalhadores”. Além disso, o reconhecimento oficial do Primeiro de Maio seria uma maneira eficiente de tornar os trabalhadores simpáticos em relação ao governo.

Mas a campanha de apropriação não conseguiu obter um sucesso completo. A interpretação de que o Primeiro de Maio era uma “festa do trabalho” chegou a ser adotada por uma significativa parcela do operariado, mas o caráter de protesto da data não deixou de existir. Mesmo nos anos em que houve a concorrência das comemorações promovidas pelo governo e que contavam com o apoio de vários sindicatos “amarelos”, continuaram a ocorrer manifestações operárias, ainda que em número reduzido, como em 1911 e 1912. O governo do Marechal Hermes da Fonseca não conseguiu monopolizar em suas mãos as comemorações, nem anular de forma definitiva a ação das associações e sindicatos, principalmente os das correntes anarquista e sindicalista-revolucionária. Com o fracasso dessa campanha, os governos seguintes mudaram de tática. Passaram a reprimir com mais força as comemorações e aceleraram a transformação da data em feriado, através da extensão do ponto facultativo aos operários federais. Não por acaso, essas medidas foram primeiramente postas em prática em 1917, ano de grandes manifestações operárias no Primeiro de Maio.

Em 1919, ocorreu a maior comemoração do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro durante a República Velha. O final da I Guerra Mundial e a onda

anti-capitalista que percorria a Europa compuseram o pano de fundo da mobilização. Milhares de pessoas reuniram-se no comício, realizado pela primeira vez na Praça Mauá, seguindo depois em um préstito que percorreu as principais ruas da cidade. Há divergências quanto ao número exato de participantes: 20.000 de acordo com o *Correio da Manhã*, mais de 50.000 para *O Graphico* e 60.000 segundo *A Razão*¹¹. A participação em anos anteriores sempre girou em torno de, no máximo, 10.000 pessoas. Como todas as fontes são unânimes em afirmar que essa foi a maior manifestação até então, certamente este número foi ultrapassado.

A grande afluência ao comício deveu-se em parte à campanha preparatória empreendida pelas associações e sindicatos, que programaram sessões solenes em suas sedes e divulgaram intensivamente as manifestações do dia. Junto a isto, a aceitação da data como feriado pela maioria das empresas comerciais e industriais pode ser apontada como a razão do sucesso da jornada¹². Provavelmente, essa decisão favoreceu a ida de um número maior de operários ao comício, mas isso não anula o fato de que eles preferiram comparecer a uma manifestação de protesto ao invés de ficar em casa ou de aproveitar o dia com alguma diversão.

O ano de 1924 constituiu outro momento importante da história do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro. As divergências que dividiam o movimento operário chegaram às comemorações. Anarquistas e comunistas planejaram comícios separados, os primeiros na Praça Onze de Junho e os segundos na Praça Mauá. A Confederação Sindicalista-Cooperativista Brasileira, presidida por Sarandy Raposo e claramente “amarela” chegou a propor um acordo entre as várias tendências. As bases desse acordo seriam o compromisso de que nenhum dos oradores atacaria qualquer uma das correntes adversárias e a constituição de um comitê de propaganda, formado por representantes das três tendências e pelos redatores das colunas operárias de todos os jornais¹³. Mas o esforço foi em vão: anarquistas e comunistas

¹¹ *Correio da Manhã*, 03/05/1919; *O Graphico*, 16/05/1919; *A Razão*, 03/05/1919.

¹² *Correio da Manhã*, 30/04/1919.

¹³ *Correio da Manhã*, 25/04/1924.

mantiveram sua decisão e realizaram os dois comícios, não muito concorridos¹⁴. Essa divisão nas comemorações perdurou até o final da década.

Na segunda metade da década de 1920 vários obstáculos impediram o operariado de comemorar livremente sua grande data. Entre 1924 e 1926, durante o governo de Artur Bernardes, vigorou o estado de sítio no país e, em consequência da grande repressão policial, as comemorações do Dia do Trabalho sofreram uma redução drástica. Em 1930, a Polícia proibiu manifestações externas, como comícios e passeatas.

O ano de 1930 marca também o início de uma nova fase na história do Primeiro de Maio, pois ao longo do governo Vargas ele foi sendo totalmente incorporado ao conjunto de comemorações oficiais do regime, ao mesmo tempo em que as manifestações promovidas pelo movimento operário foram duramente reprimidas.

As interpretações

Para o operariado carioca da República Velha, o Primeiro de Maio era a data mais importante do calendário. Mas a unanimidade terminava aí. Havia divergências quanto à melhor forma de comemorar a data e quanto à interpretação a lhe dar. Até mesmo os grupos mais conservadores da sociedade possuíam uma visão própria do tema. Vamos tratar aqui das principais interpretações do Primeiro de Maio e de sua influência sobre as formas de comemoração.

A primeira interpretação é a que considera o Primeiro de Maio um dia de lembrança e de luto pelos militantes mortos em Chicago no ano de 1886. Estes eram considerados mártires que se sacrificaram, que deram seu sangue pela causa do operariado e da humanidade em geral. Além da morte dos “mártires de Chicago”, eram lamentadas as mortes de outros militantes, como a do anarquista espanhol Francisco Ferrer. Tal interpretação está presente, em todo o período, nos textos das várias correntes do movimento operário. Era, sem dúvida, uma das interpretações mais importantes,

¹⁴ *O Paiz*, 02/05/1924.

influenciando de forma direta as formas de comemoração da data. Como um dia que lembrava lágrimas, o Primeiro de Maio não podia ser comemorado com festas e manifestações de alegria, mas sim com protestos.

“Companheiros, hoje não é dia de festas, foguetórios, bailes, etc., mas sim um dia de protesto, de irmos pedir aos senhores contas do sangue de nossos irmãos derramado para nossa redenção; a estes senhores desta sociedade sem igualdade e sem liberdade.

Eles morreram para nos libertar dos grilhões destes algozes. Continuemos as obras iniciadas por eles para breve depararmos na estrada da salvação.

Ai de vós, senhores, que dia menos dia recebereis os castigos de tantas carnificinas que haveis praticado.”¹⁵

Na segunda interpretação, o Primeiro de Maio é colocado como o ponto de partida da conquista da jornada de oito horas de trabalho. Esta interpretação relaciona-se diretamente com a própria origem da data, pois a luta pela redução da jornada foi o principal objetivo da mobilização norte-americana em 1886 e da resolução do Congresso de Paris em 1889: o Primeiro de Maio surgiu como uma manifestação internacional a favor da adoção das oito horas de trabalho. Entretanto, nas fontes por nós pesquisadas, a interpretação do Primeiro de Maio como o dia dessa conquista é bem menos freqüente do que se poderia esperar. A menção das oito horas é feita em referência aos acontecimentos de Chicago, e não como um dos objetivos a atingir por meio das manifestações. Isto vem confirmar uma das conclusões de Eric Hobsbawm (1987: 112), ou seja, a de que em muitos países a reivindicação original do Primeiro de Maio logo caiu para segundo plano, sendo suplantada em importância por idéias como a lembrança dos mártires.

A redução da jornada de trabalho constituía uma das principais reivindicações do operariado no mundo inteiro. No Rio de Janeiro, a questão é debatida pelo menos desde a década de 1890, e várias categorias de trabalhadores lutaram, por meio de greves e manifestações, pela implantação

¹⁵ *O Graphico*, 01/05/1916.

da nova jornada. O sucesso foi parcial, pois somente algumas categorias conseguiram a redução – como a dos marmoristas em 1905 e a dos têxteis em 1919¹⁶. Na maior parte dos casos, ou a reivindicação não era atendida, ou os patrões não respeitavam o acordo sobre o horário. Ao mesmo tempo, várias leis sobre essa questão não saíam do papel, como a que regulamentava a jornada dos operários municipais em 1909¹⁷.

“No Brasil, país há 26 anos *democratizado*, num regime que é a *incorporação* do proletariado na sociedade, o operário, na sua maioria, vegeta uma existência de privações, enquanto eles, os tais das legislações e do Estado, vivem fartos, sadios e nédios, com os dentes presos à teta farta da *mãe pátria*. Em ambas as casas do Congresso Nacional, vários projetos têm sido apresentados regulamentando as 8 horas de trabalho, bem como o trabalho dos menores e das mulheres nas fábricas e oficinas, sem contudo se ter cogitado do seu andamento ou da sua aplicação.”¹⁸

Em alguns textos escritos por operários, nas décadas de 1890 e 1900, pode ser encontrada uma visão bem mais harmônica e conciliadora do Primeiro de Maio. Este é interpretado como um dia de festas em homenagem ao trabalho, principal fator de crescimento e riqueza. Geralmente seus autores são socialistas que, naquele momento, não viam o capital como um inimigo tão perigoso e, por isso, propunham uma comemoração na qual patrões e operários não entrassem em confronto, ou seja, sem qualquer tipo de protesto mais violento por parte dos trabalhadores¹⁹.

Contudo, a interpretação do Primeiro de Maio como a “festa do trabalho” foi defendida com algumas modificações e de forma mais veemente e constante pelos grupos conservadores da sociedade, principalmente nos editoriais dos grandes jornais diários. Apesar de esses jornais não formarem

¹⁶ *O Paiz*, 01/05/1924; *A Voz do Povo*, 22/04/1920.

¹⁷ *O Echo do Mar*, 15/07/1909. O projeto de lei foi apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente Ernesto Garcez.

¹⁸ *O Graphico*, 01/01/1916.

¹⁹ Ver, por exemplo, o manifesto do Grupo Operário 1º de Maio publicado no *Correio da Manhã* em 28/04/1902.

um bloco absolutamente homogêneo em termos de tendência política e da linha adotada em relação a várias questões sociais, pode-se dizer que possuíam algumas posições em comum, como a reelaboração do conceito de “festa do trabalho”. Ela foi extremamente útil nos momentos em que o governo tentou apropriar-se das comemorações do “dia do trabalho”, como na década de 1910. Os jornais diários constituíam um poderoso instrumento de divulgação da idéia de um Primeiro de Maio harmônico e confraternizador. Suas tiragens eram bem maiores do que as dos jornais operários, que na maior parte das vezes apresentavam interpretações muito diferentes sobre o tema.

De acordo com os defensores da “festa do trabalho”, era absolutamente inconcebível que o Primeiro de Maio, no Brasil, tivesse um caráter de protesto contra o capitalismo. Essa situação só se justificava na Europa, onde havia miséria, infelicidade e ódios seculares entre as classes. O rigor do inverno transformava o Primeiro de Maio europeu numa grande celebração do retorno do sol e do calor com a chegada da primavera. Como que sentindo o clima de tensão, os governos tomavam medidas preventivas para evitar conflitos mais violentos.

Ainda segundo essa visão conservadora, no Brasil – este eterno paraíso tropical – não havia qualquer motivo para conflitos. O lar do operário, pobre mas não miserável, era brindado todos os dias com o calor do sol e com as demonstrações exuberantes da natureza. Além disso, aqui não existia oposição entre o capital e o trabalho; ao contrário, ambos cooperavam para atingir o objetivo maior, o engrandecimento do país. Se os operários brasileiros seguiam os passos das correntes revolucionárias, era apenas por uma tênue identificação com suas idéias, juntamente com um sentimento de solidariedade para com seus irmãos de outros países. As boas condições de vida e a ausência de um capitalismo feroz no país davam a nosso operariado tranquilidade para reivindicar de forma pacífica as possíveis mudanças que julgasse necessárias. Não existia, portanto, razão para a utilização de métodos violentos de luta nem para a realização de protestos no Primeiro de Maio²⁰.

²⁰ *Correio da Manhã*, 01/05/1902.

O segundo ponto principal da interpretação conservadora do Primeiro de Maio incorpora a idéia, defendida pelos militantes socialistas, de que a data deveria ser dedicada à celebração do trabalho. Seu maior objetivo não é a lembrança dos mártires ou a reivindicação de direitos, mas a homenagem ao trabalho de forma geral. Além de dignificar o homem, o trabalho constitui o grande impulsionador da evolução do mundo. Os operários merecem um lugar especial nessa celebração porque são eles os mais importantes agentes do trabalho. Sem eles, praticamente nada existiria, e por isso toda a gratidão possível deve ser manifestada. Contudo, todas as classes sociais devem ser recordadas nesse dia, pois no fundo todos os indivíduos são também trabalhadores²¹.

Pode-se perceber uma pequena mudança, a partir de meados da década de 1920, nos editoriais dos grandes jornais sobre o Primeiro de Maio. Passa-se a dar maior ênfase à ausência de conflito entre os interesses do capital e os do trabalho. Ao mesmo tempo, as correntes do movimento operário que denunciavam esse conflito são objeto de críticas mais ferozes.

A interpretação do Primeiro de Maio como “festa do trabalho”, defendida nos editoriais dos grandes jornais, provocava a ira da maioria dos militantes operários. Estes acusavam a burguesia e o Estado de patrocinar os festejos de comemoração da data, tentando, dessa maneira, iludir os operários e impedi-los de participar das manifestações de protesto. Ao comemorar com festas o Primeiro de Maio, o operariado estava, na realidade, colaborando com seus inimigos. A “festa do trabalho” é um desvio do verdadeiro sentido da data e um desrespeito à memória de seus mártires.

“Erroneamente e isto por desconhecerem a verdadeira causa que deu margem ao 1º de Maio, grande número de operários o festejam. Por interesse, por bajulação, como um pretexto para salamaleques, muitos indivíduos, exploradores do operariado, preparam grandiosas festanças, ruas embandeiradas, foguetórios, musicatas, tudo enfim para desvirtuar a origem desta data e distrair o trabalhador, pois bem sabem que enquanto ele se vai deixando explorar ingenuamente vão os

²¹ *O Paiz*, 01/05/1899.

amigos dos operários gozando sem preocupações com o dia de amanhã.”²²

A questão do verdadeiro caráter do Primeiro de Maio, se de festa ou de luta, foi objeto de debates em vários congressos operários realizados no Rio de Janeiro. A resolução aprovada no 1º Congresso Operário Brasileiro, em 1906, afirma que o caráter que compete à data é “de sereno, mas desassombrado, protesto, e de enérgica reivindicação de direitos ofendidos ou ignorados” (*apud* Rodrigues, 1979: 101). A recusa em aceitar o lado festivo do Primeiro de Maio, incentivado, segundo os militantes, pela burguesia e pelo Estado, é enfatizada em outros congressos, como o 2º e o 3º Congressos Operários Brasileiros, em 1913 e 1920²³, e o Congresso Anarquista Sul-Americano em 1915²⁴.

Para muitos operários anarquistas não havia, na sociedade capitalista, nenhuma razão que justificasse a realização de festas homenageadoras do trabalho, por parte do operariado. O trabalho apresentava-se como um elemento de opressão, fomentando injustiças, miséria e desigualdade. Era incompreensível, portanto, que fosse transformado em motivo de comemorações e festas.

O Primeiro de Maio era também interpretado pelos operários como o dia da grande revolução social. Muitos consideravam que a única maneira de conseguir mais justiça e igualdade para a sua classe e, por extensão, para toda a humanidade, seria derrubar a sociedade capitalista. Mediante a revolução social implantar-se-ia uma nova sociedade, um novo mundo de esperança e felicidade. O Primeiro de Maio era visto como o prenúncio dessa revolução, cujo resultado final, acreditava-se, seria certamente a vitória. Quando esse momento chegasse, a obra iniciada pelos “mártires de Chicago” estaria totalmente concluída e sua morte, vingada. Proletários de

²² *A Voz do Trabalhador*, 01/05/1913.

²³ Para as resoluções do 2º Congresso Operário Brasileiro, ver Hall e Pinheiro (1979: 218). Para o 3º, *A Voz do Povo*, 01/05/1920.

²⁴ *Na Barricada*, 28/10/1915.

todo o mundo, reunidos sob a bandeira do Primeiro de Maio, participariam do processo da revolução.

“Por toda parte do mundo, no dia 1º de maio, todas as categorias de operários de todos os ofícios ou profissões fazem vibrar sua voz e seu gesto de solidariedade internacional, unindo, através das fronteiras, no mesmo impulso fraterno, a classe proletária de todos os países.

Também entre nós, as camadas mais conscientes do proletariado brasileiro erguem seu grito de energia, irmanando-o, altivamente, ao clamor universal dos peitos proletários, que afirmam, à face do mundo, no dia 1º de maio, sua vontade heróica de emancipação.”²⁵

Uma das condições necessárias, segundo os militantes operários, para que a revolução social se realizasse, era a formação de uma consciência de classe entre o operariado. Mediante sua conscientização, este conheceria sua missão histórica, ou seja, a de ser o principal agente da derrubada do capitalismo²⁶. Ao contrário, a ausência de consciência levaria o operariado a deixar-se explorar de forma desumana pelos capitalistas e a não demonstrar solidariedade para com seus companheiros.

Toda essa questão encaminha-nos para a última interpretação do Primeiro de Maio: como o dia do despertar da consciência de classe. Nessa data em especial, o operariado surgiria como um bloco unido e forte, como uma força avassaladora derrubando todos os obstáculos. Todo um processo anterior de formação da consciência encontraria seu ápice nesse momento. A crença na inevitabilidade desses fatos era tão forte que poucos militantes questionavam a idéia de que em um dia predeterminado os operários se encontrariam prontos para a luta. Apenas alguns anarquistas criticavam, em

²⁵ *O Paiz*, 01/05/1923. O texto é um manifesto da Associação Gráfica do Rio de Janeiro.

²⁶ Um desenho publicado na edição de 15/04/1920 do jornal *A Voz do Povo* mostra o proletariado como um exército avançando em direção à burguesia, representada por um homem gordo. O título é “O ajuste de contas” e sua legenda diz: “Quando surgir a Consciência, o proletariado será um gigante e a burguesia um pigmeu”.

seus textos, a escolha de somente um dia para o ponto de partida da emancipação. Argumentavam que a luta contra o capitalismo deveria ser levada a efeito todos os dias do ano, pois desta forma as ações do operariado teriam um resultado muito mais prolongado e realmente transformador.

Por outro lado, em alguns textos produzidos nos anos finais da década de 1920, o Primeiro de Maio é colocado como uma manifestação da consciência de classe. Esta não seria um objetivo a atingir, pois já estaria formada, pronta. Durante as comemorações do “dia do trabalho”, o operariado afirmaria sua força e sua vontade de emancipação de forma veemente e incontestável.

“Nesta vasta senzala a que procuram reduzir o movimento proletário os senhores da burguesia, no poder, para melhor se venderem ao capitalismo estrangeiro, é preciso que o nosso 1º de Maio seja a manifestação mais positiva de nossa força e de nossa consciência de luta.

E o proletariado do Rio – cuja decisão e bravura, nas lutas passadas, deve ser uma segura garantia de que não falhará, nesta hora, em que mais se apertam os rigores da reação e mais aumenta a miséria em seus lares, deve vir para a rua, deve conquistar a rua (...).”²⁷

Nosso argumento é de que as comemorações do Primeiro de Maio durante a República Velha realmente foram demonstrações da consciência de classe do operariado carioca. É necessário ressaltar que tal consciência estava presente em alguns setores do operariado – justamente os mais organizados –, e não na totalidade da classe. Entendemos a consciência de classe como um processo histórico em que a classe interpreta suas experiências em termos culturais. A classe, por outro lado, surge quando um grupo de pessoas, a partir de uma série de experiências comuns, identifica seus interesses particulares, em contraposição a outro grupo de pessoas cujos interesses lhes sejam opostos (cf. Thompson, 1987, vol. 1: 10). Como se trata de um processo, a formação da consciência de classe não se apresenta

²⁷ *A Classe Operária*, 17/04/1930.

totalmente uniforme, homogênea e definitiva. Segundo Adam Przeworski (1989: 67), as classes podem se organizar, desorganizar e reorganizar. Tal afirmativa pode ser comprovada, por exemplo, pela existência de períodos em que o movimento operário sofreu desaquecimento e em que, de maneira paralela, reduziram-se as comemorações do Primeiro de Maio. Como a consciência de classe interliga-se profundamente com a classe, podemos deduzir que ela também tenha flutuado durante o período estudado.

A consciência de classe não pode ser considerada como um objeto, imóvel e sem vida. Ela apresenta nuances e particularidades que devem ser levadas em conta. Além disso, uma classe nunca é um bloco absolutamente homogêneo, sempre existindo diferenças internas. No caso do operariado carioca, por exemplo, havia uma parcela significativa que pouco participava das várias atividades como assembleias, eleições e greves. Contudo, grande parte dessa mesma parcela indiferente interessava-se e comparecia às manifestações do Primeiro de Maio. Estas alcançavam um grau de repercussão e de participação entre a classe somente comparáveis aos momentos mais importantes de agitação. Durante o Primeiro de Maio a consciência do operariado revelava-se de forma mais intensa e clara, o que fazia com que a data se constituísse, sem dúvida, em uma das ocasiões mais importantes para a afirmação da classe.

Muitos operários participavam das manifestações do Primeiro de Maio não como membros de uma categoria determinada, mas como pertencentes a um conjunto bem maior, o dos trabalhadores. Isto auxiliou a construção de uma identidade entre eles, ou seja, a construção do sentimento de pertencer a um mesmo grupo, a uma mesma classe. Logo o Primeiro de Maio tornou-se um dos momentos mais importantes de expressão da consciência de classe presente em vários setores do operariado carioca. Isto foi percebido por militantes operários de várias tendências e por indivíduos pertencentes a outras classes sociais que descrevem, em seus textos, a existência de uma classe operária unida e consciente, que luta por seus interesses comuns, como melhorias em suas condições de vida. Uma luta que sofria, muitas vezes, derrotas e retraimentos, mas que era simbolizada em toda a sua força durante o Primeiro de Maio.

Bibliografia

- AVRICH, P. 1986. *The Haymarket tragedy*. Princeton, Princeton University Press.
- BATALHA, C. 1986. *Le syndicalisme "amarelo" à Rio de Janeiro (1906-1930)*, Tese de Doutorado, Université de Paris I.
- BATALHA, C. 1990. "Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República" *Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, Vértice/Editora Revista dos Tribunais.
- DEL ROIO, J. L. 1986. *1º de Maio*. São Paulo, Global.
- DOMMANGET, M. 1956. *Historia del Primero de Mayo*. Buenos Aires, Editorial Américalee.
- FONSECA, C. da. 1990. *O 1º de Maio em Portugal. 1890-1990*. Lisboa, Antígona.
- HALL, M. & PINHEIRO, P. S. 1979. *A classe operária no Brasil*. São Paulo, Alfa-Ômega.
- HOBBSAWM, E. 1987. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____ & RANGER, T. (orgs.). 1984. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- PERRIER, H. 1994. "Chicago, 1885-1887: du mouvement pour la journée de huit heures à la tragédie du Haymarket". In: REBERIOUX, M. (éd.) *Fourmiers et les Premiers Mai*. Paris, Éditions de l'Atelier.
- PERROT, M. 1988. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- PRZEWORSKI, A. 1989. *Capitalismo e social democracia*. São Paulo, Companhia das Letras.
- RODRIGUES, E. 1979. *Alvorada operária*. Rio de Janeiro, Mundo Livre.
- THOMPSON, E. P. 1987. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3 vols.